

ARTIGO DE REVISÃO

Ginástica alemã e ginástica feminina moderna: práticas destinadas às mulheres

German gymnastics and modern women's gymnastics: practices for women

Tuany Defaveri Begossi,¹ Janice Zarpellon Mazo¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Recebido em: Dezembro 2015 / Aceito em: Dezembro 2015

tuany_begossi@hotmail.com

RESUMO

O estudo tem por objetivo investigar a emergência da Ginástica Feminina Moderna no contexto porto-alegrense, durante o século XX. Por meio da análise de fontes impressas, percebemos que o incentivo à realização de práticas corporais pelas mulheres teve estreita relação com a difusão da ginástica alemã pelos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul. Em decorrência da distinção entre as práticas aconselhadas para cada sexo, a ginástica era indicada às mulheres. Neste sentido, a partir de prescrição de novos padrões estéticos, a Ginástica Feminina Moderna emergiu enquanto um movimento renovador, visando ampliar a expressão de graciosidade da mulher.

Palavras-chave: *Ginástica Alemã; Ginástica Feminina Moderna; Mulheres; práticas corporais; História da Educação Física.*

ABSTRACT

The study aims to investigate the emergence of Modern Women's Gymnastics in Porto Alegre during the twentieth century. Through the analysis of printed sources, we have found that the incentive to carry out corporal practices by women had close relationship with the spread of German gymnastics by German-Brazilian immigrants in Rio Grande do Sul. As a result of the distinction between the recommended practices for each sex, gymnastics was given to women. In this sense, from prescribing new aesthetic standards, the Modern Women's Gymnastics emerged as a renewal movement seeking to extend the gracious woman expression.

Keywords: *German Gymnastics; Modern Women's*

gymnastics; women; corporal practices; History of Physical Education.

INTRODUÇÃO

O curso do desenvolvimento das práticas corporais na cidade de Porto Alegre, no início do século XX, foi distinguido por representações culturais de identidades dos grupos de imigrantes,^{1,2(*2)} bem como práticas culturais do modo de ser moderno com ideias do corpo ativo. Neste caminho, identificou-se um processo inicial em que houve a criação de espaços voltados para a reunião de imigrantes de uma mesma identidade, como os clubes esportivos, e a transformação no fazer corporal que resultou na criação de locais que primavam por um novo fazer prático. Com forte influência dos imigrantes teuto-brasileiros por meio da difusão do *Turnen*,^{3(*3)} nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Porto Alegre passou por um processo gradual de incentivo às práticas corporais, principalmente daquelas que antes eram invisíveis ao campo: as mulheres.

*2: Segundo Oliven¹ identidades são construções reais ou inventadas que conferem uma marca de distinção. Quando abordamos a noção de identidade tratamos, do mesmo modo, de identidades etno-culturais a partir das colocações de Cuche.² De acordo com este autor, a identidade etno-cultural trata do vínculo primário estabelecido pelos indivíduos com o ambiente que o cerca. Constitui-se enquanto uma primeira identificação que ocorre do indivíduo com a sociedade, sendo, portanto, inerente ao grupo. Entretanto, e embora um grupo cultural caminhe no sentido do estabelecimento de "fronteiras de identidades" (p. 200) simbólicas, pode ainda estabelecer relação com outras culturas, re-significando e incorporando fragmentos de uma cultura estrangeira.

*3: O *turnen* pode ser compreendido enquanto um movimento social, cujo cerne está na prática de um conjunto de exercícios e atividades, que pode ser traduzido como ginástica.³

Alguns jornais porto-alegrenses tiveram um papel destacado na produção de um discurso que incentivava as mulheres na realização de práticas corporais. Entre os incentivadores deste processo, destacava-se o crítico de arte Ângelo Guido, que criou a sessão “Para o aperfeiçoamento da Raça” no jornal Diário de Notícias.⁴ Por meio da divulgação diária de notícias voltadas ao exercício físico, buscavam-se mudanças no contexto histórico-cultural no que diz respeito às práticas para as mulheres, sendo muitas delas importadas do continente europeu. A Ginástica Feminina Moderna, por exemplo, foi uma das práticas recomendadas às mulheres, pelo jornal.

Neste sentido, tendo como alicerce o referencial teórico-metodológico da Nova História Cultural,⁵⁻⁷ o objetivo deste estudo foi investigar a emergência da Ginástica Feminina Moderna no contexto porto-alegrense, nas primeiras décadas do século XX.

MÉTODO

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo histórico-documental com a utilização de fontes impressas, especialmente reportagens de jornal localizadas na seção denominada “Para o aperfeiçoamento da Raça”, no Jornal Diário de Notícias. Os textos eram redigidos por Angelo Guido, sendo publicados a partir do mês de março de 1929. Essas fontes foram submetidas à análise documental,^{8,9} que buscou evidenciar informações relacionadas ao objetivo da pesquisa. Desta forma, no decorrer deste estudo, procuramos apresentar os resultados obtidos por meio da análise das fontes documentais.

A ginástica alemã e o protagonismo dos teuto-brasileiros

As atividades desenvolvidas entre os séculos XVI, XVII e XVIII, no continente europeu, fizeram parte de uma trajetória de construção no modo de ver e tratar o corpo. Igualmente, difundiram parâmetros de utilização das práticas corporais, como um meio de entretenimento e preparação do corpo para o combate. Ao longo dos séculos supracitados, as práticas corporais foram utilizadas, também, como um modo de diferenciação entre os grupos sociais. Entretanto, a partir dos séculos XVIII e XIX, o caráter e as representações associadas ao campo das práticas corporais inscrevem-se nas funções sanitárias que o exercício possuía. Tais mudanças foram impulsionadas pelo avanço da ciência, que viu no exercício físico uma importante ferramenta para o Estado. Diante disso, a partir do século XIX, tornou-se sobressalente o discurso que reforçava o exercício físico, enquanto um instrumento para “[...] aperfeiçoar a natureza humana em geral”.¹⁰

Dentre as formas distintas de encarar os exercícios direcionados ao aperfeiçoamento do corpo, no decorrer do século XIX, alguns países destacaram-se através da difusão dos sistemas ginásticos que “[...] deram origem às primeiras sistematizações sobre a ginástica nas sociedades burguesas da Alemanha, Suécia, França e Inglaterra [...]”.¹¹ A estes sistemas atribuíam-se diversas funções, dentre elas, a de combater as mazelas e os maus hábitos desenvolvidos pela sociedade. Deste modo, vieram acrescentando aos sistemas ginásticos responsabilidades e resultados que os mesmos deve-

riam cumprir no corpo do indivíduo. Assim, a ginástica passou a associar-se ao campo da ciência médica, devido ao *status* e legitimidade medicalizante, prometendo, além de corrigir vícios posturais oriundos do trabalho, despertar uma ordem disciplinante no corpo industrial.

No Brasil, a inserção dos sistemas ginásticos se deu de maneira crescente. Elencaríamos como fator principal na difusão da prática da ginástica, as correntes imigratórias vindas da Europa, que importaram diferentes práticas ao território brasileiro. No Rio Grande do Sul, grande parte da colonização se deu por meio dos imigrantes alemães, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX.¹² Tal fato resultou em uma maior propensão à difusão do sistema ginástico associado à identidade desta etnia, bem como, auxiliou na preparação de um território fértil à implantação de novos fazeres corporais.

A intensa presença de teuto-brasileiros na cidade de Porto Alegre e sua forte influência na promoção das práticas corporais favoreceram a difusão do método ginástico alemão. A fundação da *Turnerbund*, em 1867, atual “Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867” (SOGIPA) foi um marco na ascensão da ginástica alemã que se expandiu para escolas e clubes.¹³ Mesmo tendo mais presente em sua estrutura o caráter militar, a ginástica alemã foi um importante meio de divulgação da ideia de que o desenvolvimento corporal trazia benefícios ao corpo e à moral do indivíduo.

Nesta conjuntura, os imigrantes alemães e seus descendentes, imbuídos de um sentimento patriótico de manutenção de sua identidade cultural, difundiram suas práticas para além da capital, criando sociedades de ginástica em outras localidades do Estado, onde também havia presença de teuto-brasileiros. Como resultado deste movimento, registrou-se no estado a criação de 14 sociedades⁽¹⁴⁾ ginásticas fundadas até o fim do século XIX.¹⁴ Este cenário, de certa forma, retratava um sistema similar ao existente no contexto cultural da Alemanha visto que, já em 1890 havia no país, aproximadamente, 4.400 sociedades destinadas à prática esportiva e à confraternização.^{15,16}

Neste sentido, aspirava-se pela reprodução cultural de uma realidade semelhante à da Alemanha, no estado sul-rio-grandense. Indo ao encontro desta assertiva, Thiesse¹⁷ identifica estas ações como parte de um processo de educação visando à construção de uma identidade cultural, normalmente realizado através das escolas, mas, sendo difundido também, por meio de atividades de lazer da população. As sociedades de ginástica no Rio Grande do Sul se configuraram em espaços de sociabilidade e lazer dos teuto-brasileiros.

A Ginástica Alemã se dizia fundamentada para além de um ideal nacionalista estando, deste modo, alicerçada também sobre as bases das leis da fisiologia,

*4: Leopoldenser Turnverein – Sociedade Ginástica São Leopoldo (fundada em 27/08/1885); Turner São João do Montenegro (06/03/1887); Sociedade Ginástica Lomba Grande (1890); Sociedade Ginástica Taquara (1890); Sociedade Ginástica Campo Bom (1890); Sociedade Ginástica Santa Cruz do Sul (15/09/1893); Sociedade Ginástica Novo Hamburgo (11/07/1894); Sociedade Ginástica Candelária (1895); Sociedade Ginástica Hamburgo Velho (22/06/1896); Lajeadenser Turverein Jahn – Sociedade Ginástica Lajeado (1896); Turverein São Sebastião do Cahy – Sociedade Ginástica São Sebastião do Cai (15/06/1898); Grupo de Ginástica Gut Heil (23/10/1898) – Sociedade Ginástica Ijuí (15/11/1914); Sociedade Ginástica Pelotas (1899).¹⁴

concordando que os exercícios ginásticos deveriam ser calculados segundo a constituição de cada indivíduo.¹¹ Desta forma, a ginástica era indicada, tanto aos homens, quanto às mulheres e crianças, entretanto, não eram desconsideradas as diferenças de gênero. Para Vigarello,¹⁰ estas distinções poderiam estar relacionadas a uma herança de séculos passados, uma vez que, as atividades que provocavam extensa agitação eram proibidas às mulheres, por não serem convenientes.

Ginástica para mulheres

Durante os séculos XVII e XVIII, não era permitido à mulher participar de atividades consideradas rudes, sendo direcionadas à prática da dança, do canto e o aprendizado de instrumentos musicais.¹⁰ Tais distinções quanto às práticas culturais reforçavam o fato das mulheres estarem posicionadas às margens de uma sociedade, eminentemente, patriarcal. E, sobretudo, nas bordas de um campo hegemonicamente masculino: o esportivo.¹⁸

Em razão destes ideais, a esportivização do corpo feminino, a partir dos séculos XIX e XX, precisou ser desenvolvida com extremo cuidado. Assim, a atenção para que o corpo continuasse com aspecto e gesto delicado era, muitas vezes, o que estabelecia, de fato, fronteiras entre as práticas esportivas indicadas para os homens e as recomendadas às mulheres. A partir desta orientação, se buscava para elas, a harmonia e a graça dos movimentos e o fortalecimento dos membros inferiores, em razão do parto.¹⁹

Nas associações esportivas fundadas por imigrantes alemãs, por sua vez, a participação das mulheres nas práticas corporais ocorria, também enquanto um meio de preservação da cultura dessa comunidade. Todavia, após casarem-se, as mulheres encerravam suas atividades esportivas para se dedicarem ao casamento e à família. Apesar disso, o incentivo e a preocupação com o desenvolvimento do corpo da mulher de ascendência alemã permitiu que estas iniciassem sua trajetória de formação e desenvolvimento corporal através de algumas práticas esportivas.

A partir do século XX, mais especificamente, do ano de 1904, as mulheres adquiriram o direito de realizarem o curso de instrutoras de ginástica, na *Turnerbund* (atual SOGIPA). A partir de então, elas obtiveram uma distinção semelhante a dos homens tornando-se, desta forma, “mestres em ginástica”. As primeiras a receberem este título foram Ella Kaufmann, Frieda Naschold, Emma Scheibenzuber e Hermine Grage.²⁰

Ainda, no ano em que se formaram as primeiras “mestres em ginástica”, criou-se o Departamento Feminino de Ginástica na *Turnerbund*, o qual registrou a presença de 37 mulheres. Estas, por sua vez, passaram a frequentar as sessões de ginástica as quais, como mencionado anteriormente, eram classificadas em duas categorias: casadas e solteiras.²⁰ O referido departamento funcionava de forma autônoma e a primeira presidente foi a professora Ella Kaufmann, da escola *Hilfsverein* (atual Colégio Farroupilha de Porto Alegre).

No ano seguinte, em 1905, a direção do grupo foi entregue ao professor de ginástica da *Turnerbund*, que ministrava aulas de “Educação Física para moças”. Apesar disso, as mulheres seguiram com a formação, a

exemplo de três alemãs: Karls (1905), Helene Wanner (1907) e Elsa Heimberg (1908). Na década de 1920, registrou-se a formação de cinco mulheres “mestres de ginástica”. Este número ampliou-se na década de 1930, quando se formaram 19 mulheres.²⁰

Diante deste contexto, torna-se imperativo destacarmos que a participação das mulheres nas atividades físicas e sociais era um traço distintivo dos teuto-brasileiros. Além da inserção das mulheres nos clubes, havia também a oferta de atividades físicas voltadas a elas, as quais visavam, dentre outros motivos, a preparação para o trabalho. Com relação a isso, destacamos o estudo desenvolvido por Pedro,²¹ o qual constata que as mulheres de Blumenau (cidade com marcante presença de teuto-brasileiros, no Estado de Santa Catarina), eram representadas como “trabalhadeiras”, uma vez que, acompanhavam os maridos em tarefas que exigiam certo esforço muscular como, por exemplo, o trabalho no campo.

Mesmo que para as mulheres do final do século XIX e início do século XX, fosse direcionado um campo de oportunidades e uma vida social diferente da dos homens, as mulheres teuto-brasileiras, se comparadas às de identidade luso e ítalo-brasileiras, de certa maneira se diferenciavam, especialmente no que se refere à cultura e o forte *habitus*²² esportivo. Com relação a isso, De Rose²³ afirma que o sucesso dos descendentes de alemães no mercado de trabalho se deve, em grande parte, à participação ativa da mulher nos negócios, auxiliando o marido e muitas vezes comandando a família na ausência deste. Esta questão vai ao sentido contrário da afirmação de Louro²⁴ quando destaca os múltiplos discursos existentes que caracterizavam a esfera do privado e o mundo doméstico, como o “verdadeiro” universo da mulher.

Há indícios na obra de Daudt²⁰ sobre a aceitação da participação das mulheres na prática de exercícios físicos:

Em nossos departamentos todos, centenas e centenas de crianças, moços e senhores idosos, exercitam-se sempre e cada vez mais, sem distinção de sexo, pois ambos aqui se encontram para serem fortes, serem úteis para o trabalho árduo da vida de hoje (p. 41).

Um contexto semelhante foi identificado em outros países, como nos Estados Unidos, onde a *Turnerbund*, após a guerra civil americana (1861-1865) teve que abrir suas portas às mulheres, permitindo que elas praticassem ginástica. Este fato se tornou significativo, visto que o *Turnen*, para meninas americanas, já havia sido introduzido em 1850. As aulas com exercícios para mulheres, entretanto, só foram abertas três décadas mais tarde, tornando-se, desta forma, consideravelmente popular.²⁵

Diante deste cenário, é relevante que pensemos acerca de três pontos que se tornam sobressalentes, para refletirmos acerca do contexto no qual o objeto do estudo está inserido. Primeiro ponto: o *habitus* esportivo alemão, perpassado entre as gerações de teuto-brasileiros, e apontado enquanto uma tradição presente na bagagem dos indivíduos desta identidade étnica. Acrescentaríamos o fato, ainda, de uma re-significação do fazer ginástico alemão, na cidade de Porto Alegre, por tratar-se de uma tradição inventada

na perspectiva de Hobsbawm,²⁶ estando a ginástica alicerçada em uma tradição cultural passada, construída e formalmente institucionalizada. Para este autor,²⁶ a evocação da tradição se manifesta frequentemente em épocas de processos de mudanças social, tais como a transição de um tipo para outro de sociedade, crises, perda de poder econômico e/ou político.

Em segundo lugar, torna-se válido refletirmos sobre as diferenças existentes entre as práticas direcionadas aos homens e as atividades ditas apropriadas às mulheres, as quais priorizam, neste sentido, o trabalho gestual e comportamental concernente ao mundo feminino. O terceiro ponto seria a manutenção da modernidade explícita no fato de, no período do século XX, buscar-se incorporar o modismo europeu e as novidades trazidas por aqueles que, periodicamente, viajavam para o continente a fim de se atualizar.

Diante deste contexto histórico marcado, de certa forma, por um momento de cuidados com o corpo, os significados das práticas começaram a ser direcionadas para além do desenvolvimento físico, uma vez que, passaram a englobar elementos plásticos e rítmicos. Para tanto, os métodos ginásticos, de maneira geral, se tornaram uma escolha apropriada, desde que fossem adaptados para fins específicos. Assim, uns voltavam-se ao desenvolvimento da força, enquanto outros primavam pela agilidade e, ainda, alguns objetivavam o desenvolvimento e o aperfeiçoamento plástico. Os métodos ginásticos, portanto, passaram a ser considerados métodos de cultura física⁽⁵⁾,²⁷ em um sentido mais amplo do que somente o trabalho corporal. Desta forma, os métodos seriam utilizados para desenvolver, também, uma educação moral e portariam um intuito de adaptação social e aperfeiçoamento corporal.

Os sistemas ginásticos possuíam intenções similares, como regenerar a raça, promover a saúde, desenvolver a coragem, a vontade, a força e a energia de viver. Paralelo a isso, pretendia-se o desenvolvimento da moral, através dos exercícios, bem como o incremento da disciplina dos executantes.¹¹ Entretanto, algumas particularidades levam a preferência de determinadas escolas, neste período de modernização urbano-industrial. Neste sentido, não bastava somente o desenvolvimento do físico e a disciplina extrema exigida pelo sistema ginástico de origem alemão. Neste período, passaram a prevalecer também aqueles métodos que incluíssem o desenvolvimento da beleza e a aquisição de um senso rítmico.

Um dos primeiros métodos defendidos, inclusive por Rui Barbosa, foi o da Escola Sueca. De acordo com Soares,¹¹ a Ginástica Sueca tinha como finalidade ser uma ginástica pedagógica, que todos poderiam praticar, independente de limitações ou diferenças. Seria ainda uma ginástica militar, visando preparar o guerreiro para o combate. Agregava também funções médicas e ortopédicas para a correção de vícios posturais e enfermidades. Ademais, deveria ser ao mesmo tempo estética, buscando o desenvolvimento harmonioso do organismo, além de procurar desenvolver exercícios rítmicos capazes de proporcionar graça e leveza ao corpo. Todas estas intenções eram cruzadas por um discurso pedagógico alicerçado sobre uma concepção anatomofisiológica.

Neste sentido, por alegar estar sustentada pela

ciência é que a Ginástica Sueca foi, nos primeiros anos do século XX, defendida por Rui Barbosa e, posteriormente, por Fernando de Azevedo. No entanto, seria a Ginástica Francesa, o sistema instituído como o mais indicado a ser desenvolvido nas escolas do Brasil, pelo menos até que se encontrasse um método de ginástica nacional. Para Soares,¹¹ o Método Francês foi implantado oficialmente em 1921, através do Decreto Lei n. 14.784, sendo declarado em um anteprojeto do Ministério da Guerra, como método a ser adotado em todo território brasileiro, no ano 1929. Em seu programa, por sua vez, incluía-se o desenvolvimento de danças pírricas⁽⁶⁾ e exercícios elementares ritmados.

Diante deste contexto de descobertas e efervescência de ideias e incentivos, tem-se nos exercícios ginásticos, o protagonismo para a solução dos problemas. Desta forma, estimulou-se a mudança no comportamento dos indivíduos, pretendendo que estes circulassem, de maneira frequente, nos espaços públicos. Assim, a partir deste período, as mulheres estariam mais expostas à multidão e, desta forma, sujeitas a arcar com as implicações de mudanças físicas determinadas pelo meio.

Neste sentido, como apontado por Schpun,¹⁹ a urbanização das cidades exigiu “[...] uma nova cultura física masculina e feminina, novas atividades e novas formas de apresentação corporal próprias à cidadania que se institui na cidade grande”. Esta “apresentação pública” reforçou as diferenciações de gêneros dirigidos a homens e mulheres, particularmente. As novas transformações sociais imprimiram a sociedade do início do século XX, à reorganização de suas relações sociais, bem como de seus sistemas simbólicos, repercutindo no campo das práticas corporais.

A ginástica feminina moderna

No contexto emergente acima referido, onde o corpo do homem e da mulher era – ou deveria passar a ser – moderno, houve um movimento de ação e de divulgação nas revistas e jornais da época, incentivando a aquisição e a incorporação de uma “cultura física”. O termo, em uma primeira análise, parecia um substrato de beleza e saúde, onde o corpo belo, dotado de formas físicas, significaria um corpo saudável e sem fraquezas fisiológicas.

Para os homens, estimulava-se o desenvolvimento da musculatura e a construção de uma escultura física corporal. Já, para as mulheres, era direcionado um trabalho de resistência que permitisse a esbeltez, que embelezasse a cintura e trabalhasse a flexibilidade, pois o objetivo era conservar as linhas corporais. Para isso, recomendavam-se os exercícios de cultura física que objetivavam, antes do emagrecimento, o não engordar, diminuindo a camada adiposa.²⁹

O desconstruir do olhar sobre a mulher, considerada o “sexo frágil”, se reforça com a ideia de que, a mulher moderna pratica esporte, se movimenta,

*5: Expressão retirada da Revista de Educação Physica (1932-1945), a qual foi editada no Rio de Janeiro por um grupo de professores.

*6: A pírrica era uma dança guerreira desenvolvida na Grécia, principalmente em Esparta. Era considerada como um elemento essencial na educação espartana servindo como uma preparação militar e religiosa. Compreendia exercícios preparatórios de flexibilidade, todos encadeados dentro do ritmo tocado por uma flauta dupla.²⁸

modifica seu corpo e o embeleza.³⁰ Nesta direção, o crítico de arte Ângelo Guido criou a sessão “Para o aperfeiçoamento da Raça” no jornal Diário de Notícias, visando instaurar um processo de conscientização das pessoas.³¹ Em uma das mensagens para as mulheres que desejavam modelar suas formas e se tornarem mais femininas, escreveu:

Em se tratando da beleza da mulher moderna, deve-se frizar, desde logo, que é de uma importância capital para o aperfeiçoamento das linhas estéticas e especialmente para maior graça e elegância, fazer uso dos exercícios rítmicos, de conformidade com os preceitos modernos. Nem sempre é razoável e vantajoso procurar-se atingir a esbeltez com a prática somente do desporto, que falha nas suas finalidades pelo embrutecimento das formas e dos movimentos. [...] entretanto se reunirmos o desporto ao exercício rítmico, ter-se-á o que de mais bello se pode imaginar. Não se pode desmentir ou deixar passar despercebido o perigo que existe no modo por que é praticado o desporto atualmente. [...] é preciso combatelo, pelo exercício rítmico, para se conseguir a graça e a beleza. O exercício rítmico é justamente a arte de fazer com que a mulher tome posições elegante e firmes.³¹

O artigo publicado no Diário de Notícias³² foi escrito por Claire Patek na revista alemã *Sonnige Wlet*, que publicava informações acerca da cultura física feminina. Suas ideias corroboravam com as matérias que vinham sendo expostas no jornal Diário de Notícias acerca do método ginástico indicado para as mulheres. Entretanto, demonstrava, também, a dualidade existente entre os discursos que incrementavam o desenvolvimento de particularidades físicas das mulheres, concernentes ao gênero feminino, como graça, beleza e feminilidade, em contraponto ao direito da mulher de praticar esporte.

Neste sentido, Marinho³³ apresentou a Ginástica Feminina Moderna, enquanto um movimento renovador que possibilitou ampliar a graça e a expressão corporal da mulher. Este fenômeno se relacionou ao processo emergente, da mesma forma, no domínio das artes, onde se passou a valorizar mais a sensibilidade e as manifestações emocionais de cada artista. A transcendência do campo objetivo para o campo subjetivo, que se operava nas artes, ocorreu também na ginástica, tornando a Ginástica Feminina Moderna, um meio para tocar um campo não valorizado antes: o das emoções. Este novo movimento, que assumiu ser parte da cultura feminina, se revestia de características e funções que visavam desenvolver a razão e a sensibilidade, prometendo desenvolver, nas mulheres, o campo intelectual e afetivo.

A Ginástica Feminina Moderna, por se tratar de uma prática recente, foi identificada de diferentes formas: “física feminina”, “demonstração de cultura física”, “bailados”.⁴ Outras vezes, como Ginástica Rítmica, a qual foi apontada pela Revista do Globo,²⁷ como a prática que mais se adaptava às exigências do corpo feminino, do início do século XX, justamente por se propor a desenvolver a delicadeza. Igualmente, seria através dos movimentos rítmicos que as mulheres poderiam atingir a suavidade e a graciosidade gestual e, só assim, alcançariam a beleza plástica necessária.

Destarte, a formação do programa educativo da mulher deveria conter, a partir dos pressupostos de

Fernando de Azevedo, trabalhos que fortalecessem os membros inferiores, citando entre outros, a indicação da natação e da dança.¹¹ A dança, que neste período era sinônimo de ginástica, anunciava a possibilidade de ampliar aquilo que era imprescindível à natureza da mulher: a flexibilidade do tronco, a harmonia dos movimentos e seu maior encanto, a graça. Mas, não era recomendado qualquer estilo de dança.

A recomendação era de aulas de dança clássica ao ar livre, evidência que nos leva à busca pela aproximação com a representação da mulher helênica. A maior inspiração de Fernando de Azevedo brotava da imagem da norte-americana Isadora Duncan, que triunfou no Brasil ao se apresentar no ano de 1916,¹⁹ um momento fértil e ávido de recuperação da cultura grega. Nesse sentido, a dança clássica vinha no intuito de reafirmar os cânones estéticos do passado, visto que, segundo Fernando de Azevedo,³⁴ devido a graça rítmica do movimento e a harmonia das atitudes estéticas faziam lembrar as virgens das *panatenéas* e as festas *amphyctíonicas*.³⁵ Eram anúncios que gritavam pela busca não só de gestos graciosos, harmônicos e estéticos, mas que se propunham a cavar no cerne da mulher, uma expressão natural através de uma técnica de dança que produzisse movimentos espontâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O incentivo à prática corporal para as mulheres teve estreita relação com a difusão da Ginástica Alemã pelos teuto-brasileiros em localidades do Rio Grande do Sul e, de um modo particular, em Porto Alegre, nas primeiras décadas do século XX. A participação das mulheres nas práticas corporais e atividades sociais era um traço distintivo dos teuto-brasileiros. Além da inserção das mulheres nas atividades sociais dos clubes, também eram oferecidas práticas corporais que visavam, dentre outras finalidades, a preparação para o trabalho.

A Ginástica Alemã era forma de difundir maior atenção à forma física dos jovens, com preocupações higiênicas, eugênicas, disciplinares e médicas. Ademais, em decorrência deste ideário, estabelecia-se também uma distinção entre as práticas aconselhadas a cada sexo. Neste sentido, para as mulheres, a ginástica era sempre indicada por ser desprovida de sentimentos de agressividade, competitividade e por não promover a ambição individual.

Ao eclodir na sociedade novos padrões estéticos, desencadeou-se, gradualmente, a um novo olhar sobre a mulher, que era vista como o sexo frágil. Os discursos que enfatizavam a busca de um ideal de beleza e a aquisição de um senso rítmico foram impulsionados, sobretudo por intelectuais da época. Reforçava-se a ideia de que a mulher moderna deveria praticar exercícios, movimentar-se, pois esta se tornara uma forma de embelezamento. Neste cenário, a Ginástica Feminina Moderna foi considerada uma prática corporal renovadora que contribuiria para ampliar a graciosidade da mulher.

REFERÊNCIAS

1. Oliven, RG. A parte do todo: A diversidade cultural no Brasil Nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

2. Cucho, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999.
3. Assmann, A.B. O associativismo esportivo em Santa Cruz do Sul/Rio Grande do Sul: Configurações de práticas culturais (da década de 1880 à década de 1910). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano/UFRGS, 2015.
4. Dias, C. Histórias do Instituto de Cultura Física de Porto Alegre (1928-1937). Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
5. Burke, P. O que é História Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
6. Chartier, R. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2000.
7. Pesavento, S. Fronteiras da história: uma leitura sensível do tempo. In: SCHULER, F. et al. Fronteiras do Pensamento: retratos de um mundo complexo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.
8. Bardin, L. Análise de conteúdo. Lisboa: edições 70, 2000.
9. Pinski, C.B. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.
10. Vigarello, G. "Exercitar-se, Jogar". In: Corbin, A. Courtine, J.J. Vigarello, G. História do corpo: Da Renascença as Luzes. Petrópolis: Vozes, 2008.
11. Soares, C.L. Educação Física: raízes europeias. Campinas: Autores associados, 2001.
12. Tesche, L. O Turnen, a Educação e a Educação Física nas escolas teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul (1852-1940). Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2001.
13. Silva, H. SOGIPA: uma Trajetória de 130 Anos. Porto Alegre: Palloti, 1997.
14. Mazo, J. Z. et al.. Associações Esportivas do Rio Grande do Sul (1867-2009): lugares e memórias. Novo Hamburgo, RS: editora da FEEVALE, 2012. CD-ROM.
15. Marinho, I. P.; Accioly, A.R. História e organização da educação física e dos desportos. Vol. I. Rio de Janeiro: s.ed., 1956.
16. Ramos, J.J. Os exercícios físicos na história e na arte. São Paulo: IBRASA, 1982.
17. Thiesse, A. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
18. Silva, M.P. A construção/estruturação do gênero na aula de Educação Física no ensino secundário. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto). Universidade do Porto, Portugal, 2005.
19. Schpun, M. Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Bom Tempo, 1999.
20. Daudt, J. (Redator). Álbum Comemorativo ao 75º aniversário da Sociedade de Ginástica de Porto Alegre, 1987. Porto Alegre: SOGIPA, 1942.
21. Pedro, J. Mulheres do Sul. In: PRIORI, M. (org). História das mulheres no Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 278-321.
22. Bourdieu, P. Como se pode ser desportista? In.: BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Lisboa: Fim de Século, 2003.
23. De Rose, R. A Influência da Imigração Italiana no Desenvolvimento do Esporte no Estado do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano/ UFRGS, 1996.
24. Louro, G.L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
25. Hofmann, A. Transformation and Americanization: The American Turners and their New Identity. The International Journal of the History of Sport. Volume 19, Issue 1, March 2002, pages 91-118. doi: 10.1080/714001703
26. Hobsbawm, E.; Ranger, T. (Org.) A invenção das tradições. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
27. Artes, cultura physica feminina. Revista do Globo, Porto Alegre, v.3, n.49, p. 11, 10 jan. 1031.
28. Boucier, P. História da Dança no Ocidente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
29. Como Conduzir a mulher moderna à busca da beleza. Diário de Notícias. Porto Alegre, 18/08/1929. Sem paginação.
30. O espetáculo coreográfico da senhorita Toni seitz. Diário de notícias. Porto Alegre, 07/11/1936. Sem paginação.
31. Silva, U. R. Angelo Guido e o concurso de beleza de 1930: um ideal de eugenia. In: Histórica (Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História – PUCRS), n 3.Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
32. Patek, Claire. A beleza as Mulher Moderna. Diário de Notícias. Porto Alegre, 11/08/1929. Sem paginação.
33. Marinho, I. P. História Geral da Educação Física. São Paulo: Brasil, 1980.
34. Azevedo, Fernando. Da Educação Física. 1 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1920.
35. Uma obra grandiosa a realizar-se no Rio Grande do Sul. Diário de Notícias. Porto Alegre, 11/08/1929. Sem paginação.